

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes - CBD
Introdução à Museologia - CBD0247 - matutino
Alissa Pereira de Queiroz
Nº USP 7586132

Arte, história, museu

Fausto é um filme inquietante, claustrofóbico e recheado de sensações (táteis, olfativas e visuais) que quase ultrapassam os limites da tela do cinema, passando do personagem principal para aqueles que se dispõem a adentrar essa viagem com referências expressionistas. *Onde está a alma?* É o que quer saber Fausto quando o encontramos dissecando um cadáver, e é nesse questionamento que se desenrola todo o filme, que busca expressar sentimentos humanos e compreender o que move o homem, ultrapassando a questão de certo ou errado e apontando para um descontentamento com a realidade que nos cerca.

Underground é uma tragédia, mas abuso dos exageros e pitadas de surrealismo o fazem parecer irreal, enquanto, na verdade, ele se revela um relato quase documental sobre a formação da Iugoslávia. É impossível também deixar de apontar a excelência cinematográfica alcançada por Kusturica nessa obra, além de recheado de conteúdo, o filme é exuberantemente bem dirigido, uma verdadeira obra de arte. Apesar do foco ser a região dos Bálcãs, o filme não deixa de fazer uma crítica social e política que pode ser aplicada a toda a sociedade.

Arca Russa mistura o visual e sensações de *Fausto* (possivelmente por ser do mesmo diretor) com o teor histórico e crítico de *Underground*, mas foca na Rússia, esse pedaço da Europa cuja formação e história foram e ainda são muito conturbados, tanto é que temos que adentrá-los pela porta dos fundos. Não bastasse o tema, a opção de Sokurov por um plano sequência de 90 minutos, uma obra cinematográfica única até então, pode ser entendida como uma crítica à edição da história, que deve ser contada como aconteceu e não de forma a ficar mais interessante.

Num primeiro momento pode ser estranho pensar na relação dessa tríade de filmes com museologia, mas ela não é tão complexa quanto pode parecer: os três filmes, cada um à sua maneira, investigam a formação do homem e da história, enquanto museus preservam e exaltam aquilo que o homem valoriza e *colecciona* como parte de sua história. Mesmo que esses tesouros, tão belos e preciosos que merecem estar num museu, possuam história horrorizantes por trás de seu surgimento, como podemos ver nos relatos de *Underground*, que como o próprio título sugere,

revelam aquilo que se esconde no subsolo da história da formação da Europa, mesmo que de forma alegórica e historicamente imprecisa.

Fausto pode parecer o filme mais distante da relação proposta nesse relato mas o próprio diretor nos dá a resposta a essa dúvida, quando inclui Fausto em sua tetralogia de personagens cruciais da história mundial: Hitler, Lênin e Hiroito. Oras, embora seja um personagem ficcional, Fausto nos dá um retrato preciso, e ao mesmo tempo inquietante, do homem em relação à história, ciência e sociedade, com a universalidade que apenas um personagem fictício é capaz de nos trazer.

Temos que nos perguntar então qual o papel da arte em relação à isso, já que, essencialmente, museus são espaços de exposição das mesmas. A arte é uma forma que os humanos encontraram para se expressar e mostrar para o mundo – outros seres humanos – e que acabou ganhando um papel importante na sociedade. Ao mesmo tempo, criou-se uma rivalidade entre arte e ciência, por serem consideradas opostas. Apesar disso, se procurarmos por semelhanças veremos que a ciência precisa de criatividade e a arte não existe sem técnica, então uma união teria sido mais benéfica para ambas as partes, discussão que merece um ensaio a parte.

Douglas Crimp, em seu ensaio *Sobre as ruínas do Museu*, reflete sobre a arte num contexto capitalista e sobre o objetivo do museu, que constrói uma história cultural na sua forma de tratar os objetos. O autor então nos apresenta à visões opostas a de que a arte é isenta de política, e portanto deve apenas existir e ser bela, e a de que a arte não pode ser isenta de política, uma vez que está inserida em um contexto político. Temos então a arte como forma de questionar e entender o ambiente político, histórico e social em que estamos inseridos e os museus, por consequência, tendo que ser adaptados ou se adaptar à essa necessidade pós-moderna. Quando Mauraux propõe um *museu imaginário* ele está abrindo ainda mais as possibilidades de interpretação e entendimento da arte, porque tendo um museu em nossa mente somos capazes de reorganizar as obras de arte sem as amarras de períodos históricos, escolas artísticas e paredes, mas quem sabe de forma a construir uma visão que nos interesse mais da história da sociedade.

Pensando em sua história, o surgimento do museu na Europa não se deu por acaso, já que mais que qualquer lugar do mundo, no Século XVII, a Europa fervilhava com a busca de conhecimento e a figura do colecionador estava cada vez mais presente. Os primeiros museus que surgiram eram exclusivos para a elite, excluindo os pouco instruídos do convívio e contato com a arte. Apesar de essa proibição ter se extinguido (visto que existem grandes museus com entrada gratuita), a nossa relação com a arte, mediada pelos museus, se tornou tão intelectualizada que não é mais o museu que impede a apreciação das obras por pessoas *não intelectuais*, mas as próprias pessoas e a visão da sociedade dos museus e seus frequentadores.

Nesse sentido o museu tem, ao mesmo tempo, função de filiação e exclusão de pessoas, como apresentado no livro *O amor pela arte*, Bordieu e Darbel. Todos tem acesso ao que está exposto, mas nem todos possuem as ferramentas para se apropriar daquilo, o que é um problema e nem é necessariamente verdade, já que muitas vezes a visão elitizada criada sobre a imagem do museu é mais impeditiva que a falta de conhecimentos prévios para se apreciar uma obra de arte.

Então o museu é muito mais complexo que apenas uma sala onde se expõe obras de arte, e possui muitas camadas: é um espetáculo, pois proporciona entretenimento, é político por conter obras que refletem o período em que foram concebidas, é social por permitir o encontro e discussão de ideias e é elitizado pela visão burguesa de cultura e de quem pode acessá-la. Por isso, analisar sua influência na sociedade, na visão e na preservação da arte é importante não só para a compreensão da história da arte, mas da sociedade como um todo.